



13FEVEREIRO, 2026 →



ANEXO

RELATÓRIO EXECUTIVO 3

TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352



13FEVEREIRO, 2026 →

FOLIO EDUCA-OBIDOS

Em 16 de outubro de 2025, o Projeto Trilhas de Memória teve sua primeira apresentação internacional no **Festival Literário Internacional de Óbidos (FOLIO)**, especificamente no programa **FOLIO Educa**, em Portugal.

Esta foi uma oportunidade estratégica de:

- Visibilidade internacional para o projeto
- Validação académica através da parceria com o Instituto Politécnico de Leiria
- Conexões com instituições portuguesas e brasileiras
- Posicionamento do projeto no campo da literatura oral



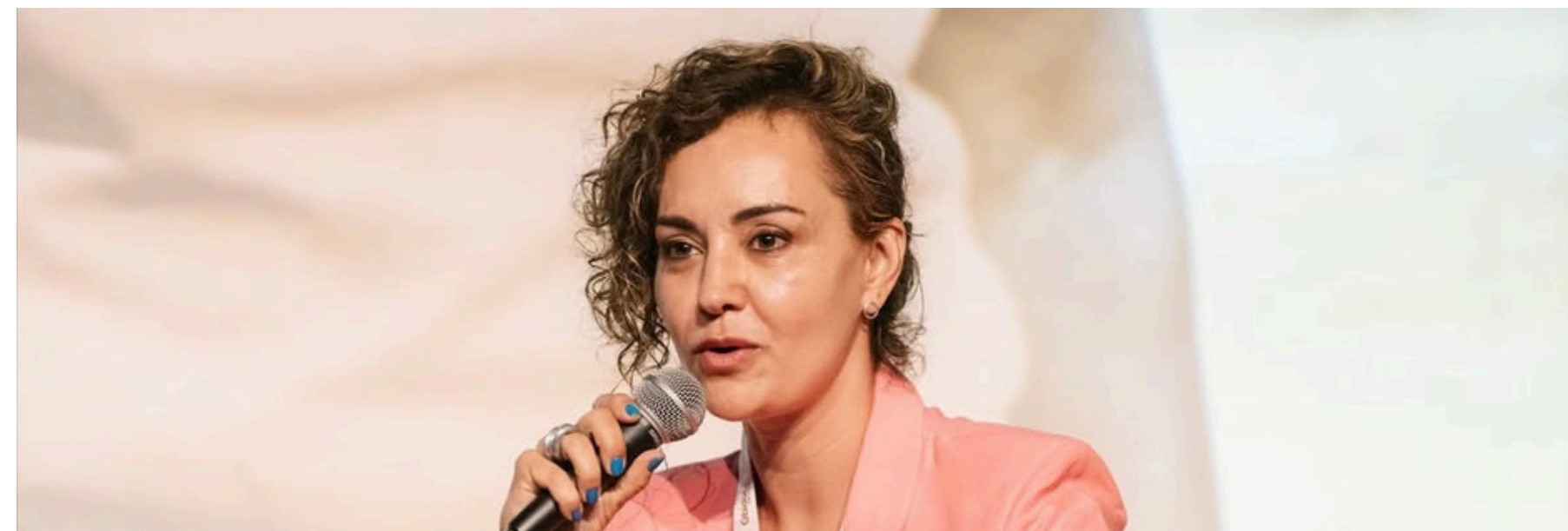
TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352

13FEVEREIRO, 2026 →



TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352





TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

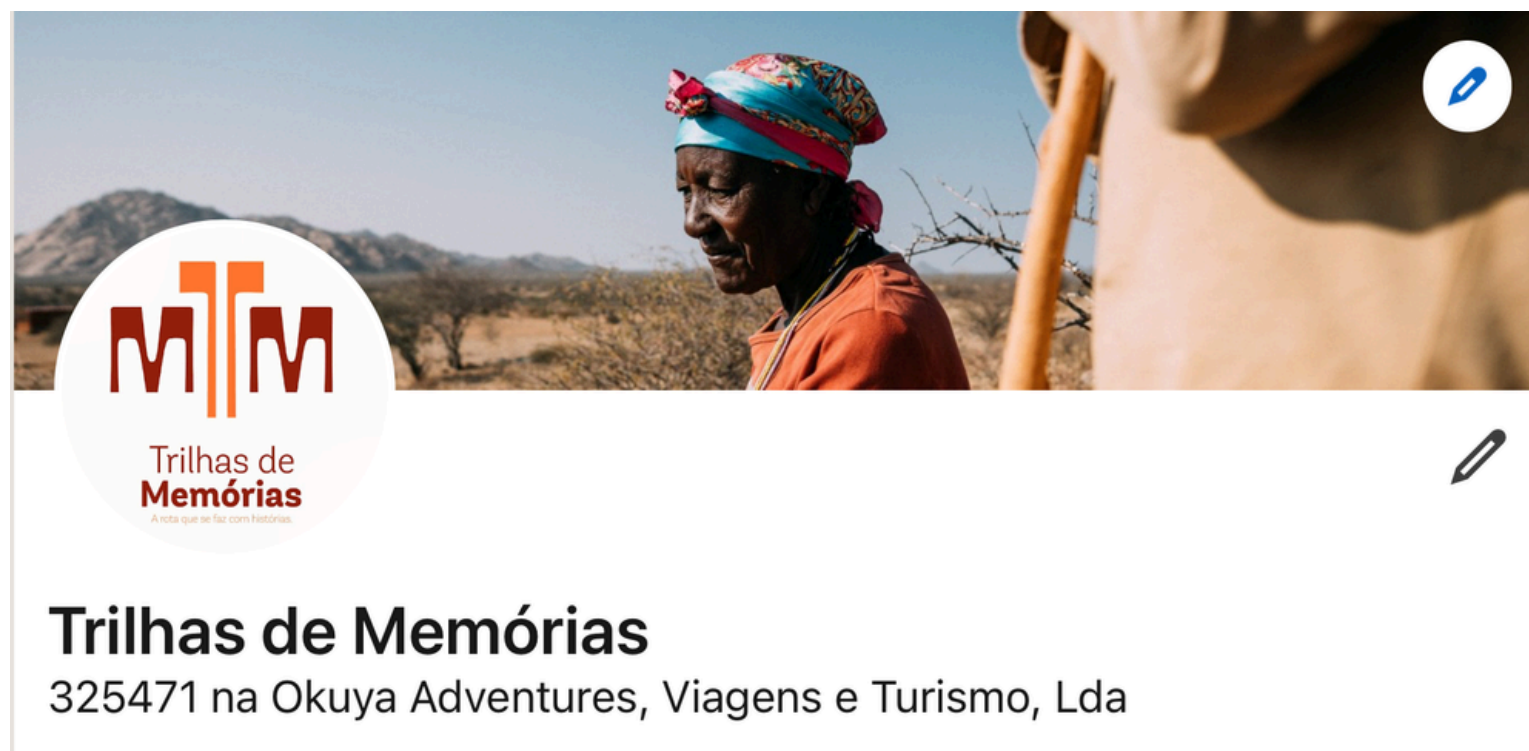
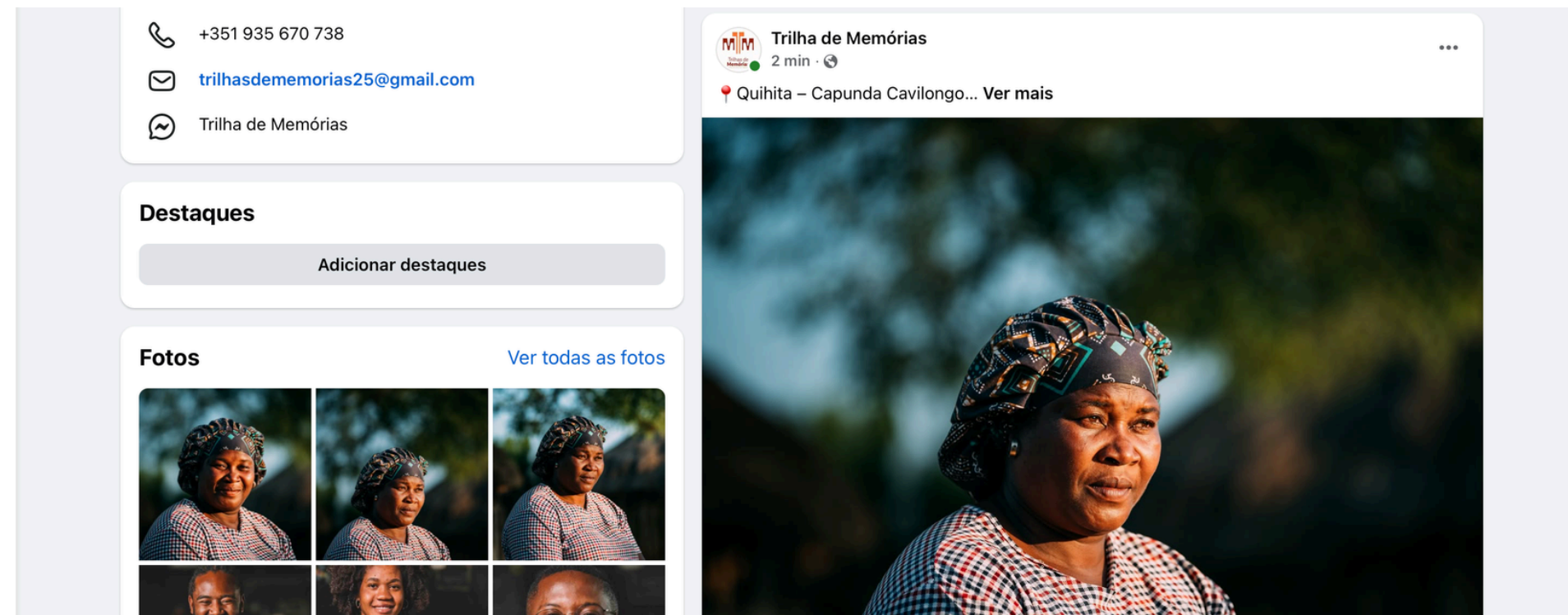
trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352

REDES SOCIAIS

O Trilhas já está presente nas principais redes sociais para partilhar novidades, conteúdos e acompanhar de perto a nossa comunidade

- LinkedIn
- YouTube
- Facebook



Trilhas de Memórias

325471 na Okuya Adventures, Viagens e Turismo, Lda

TRILHAS

www.trilhasdememorias.com



Trilhas de Memórias

@TrilhasdeMemórias · 3 vídeos

Rotas culturais que dão vida às histórias ancestrais de Angola. Turismo, arte, educação e ...mais

Personalizar canal Gerir vídeos

Vídeos Playlists Publicações



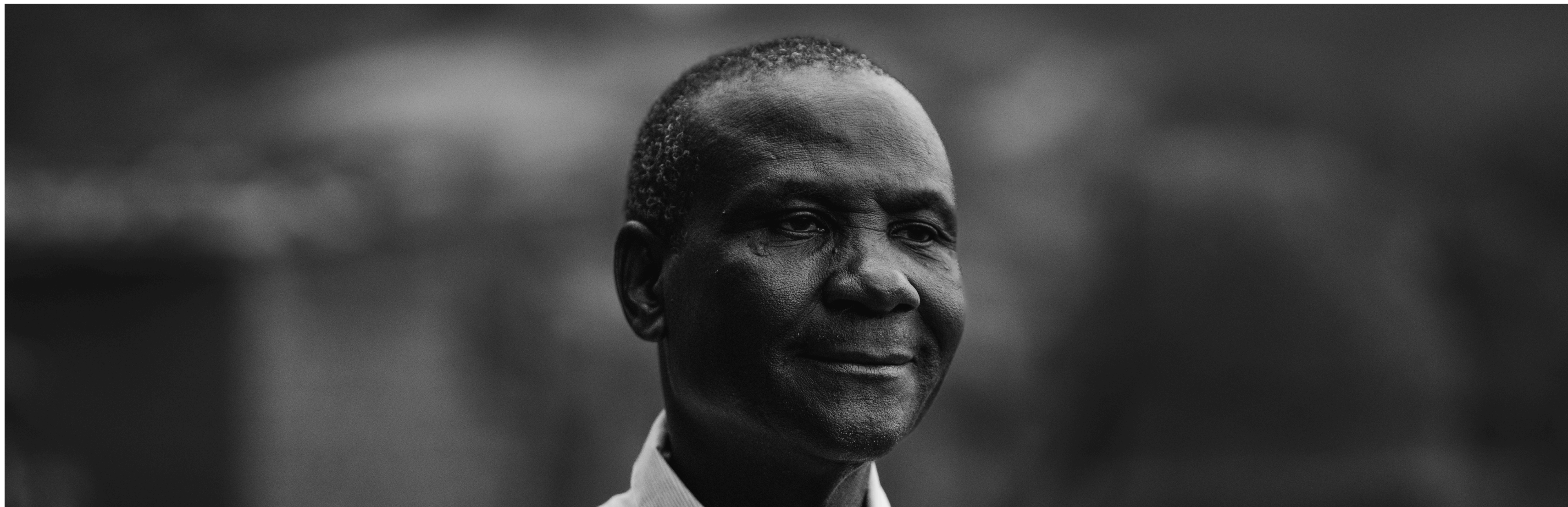
trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352



13FEVEREIRO,
2026 →

TRABALHO DE CAMPO



TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352



INTRODUÇÃO

O trabalho de campo em Benguela constituiu uma das missões mais estratégicas do trimestre, focando no mapeamento do património relacionado ao tráfico transatlântico de pessoas escravizadas e suas consequências contemporâneas.



TRILHAS



www.trilhasdememorias.com



trilhasdememorias@gmail.com



+244 921 337 352

13FEVEREIRO,
2026 →

REGIÃO DE BENGUELA

O trabalho de campo em Benguela constituiu uma das missões mais estratégicas do trimestre, focando no mapeamento do património relacionado ao tráfico transatlântico de pessoas escravizadas e suas consequências contemporâneas.



TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352

13FEVEREIRO, 2026 →



TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352



13FEVEREIRO, 2026 →

OS TRÊS SOBAS

Autoridades tradicionais que preservam narrativas históricas sobre o período do tráfico.



TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352

13FEVEREIRO, 2026 →



TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352



ARTIGOS PUBLICADOS

Uma das estratégias de visibilidade do projeto é a de construção de uma narrativa sobre seus conteúdos e o diálogo com outros atores sociais. Em função da rede dos parceiros do projeto está garantido espaços de artigos no Jornal de Angola, na parte de cultura e em portais no Brasil como o Matinal Jornalismo (www.matinaljornalismo.com.br). Desde o início do projeto já foram publicadas **7 crônicas** no Jornal Cultural de Angola, nos meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2025 e mais de **5 crônicas** no Portal Matinal inclusive um encarte especial com a participação dos alunos que fizeram parte da primeira formação.

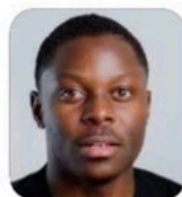


TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352



Celestino Bastos*

CRÓNICA
Caminhos da memória

Não é por acaso que crescemos a acreditar que a palavra caminho segura, sozinha, toda a travessia do país, desde o tempo antes do tempo, passando pelas sombras coloniais, até a Angola que ainda tentamos compreender.

Mas, para nós, angolanos, o caminho nunca foi só direcção. Caminho é código, aviso, resguardo, herança. É aquilo que nos disseram baixinho, entre musseques, fogareiros, filhos às costas e preocupações escondidas no olhar. De lá vem a expressão que todos ouvimos, pelo menos, uma vez: "no mundo é preciso saber andar". Uma frase que não fala de pernas, mas de consciência. De saber

vivência. De saber onde se coloca o pé para não ferir a terra e, ao mesmo tempo, não se deixar engolir por ela.

Sempre ouvi os mais-velhos a falarem sobre os caminhos do mato como quem folheia um livro. E lembro-me de sentir que havia sabedoria ali, no jeito de transformar trajectos em narrativas. O mato, esse lugar onde cabiam fuga, resistência, medo, desgaste e sonho. O mato onde a libertação se ensaiava com passos cansados, sabendo que a urgência era maior do que qualquer destino, é o mato dos nossos avós.

E é verdade, temos muitos caminhos. Os caminhos da gente, feitos de buscas e regressos. Os caminhos de perder, onde o chão se abre e nos testa. E os caminhos das revelações inesperadas, aqueles que só existem porque tropeçamos primeiro.

Depois há o caminho novo. Um caminho que ainda não está totalmente desbravado nem polido nem desenhado. Um caminho jovem, inquieto, que também surge do destino. E esse ca-

minho tem nome em todas as línguas que nos formam:

Kimbundu: Njila; Umbundu: Onjila; Kikongo/Kongo: Nzila; Oshikwanyama: Ondjila; Otjiherero: Onjira

É nesse caminho novo que deposito hoje a minha atenção, sobretudo enquanto trabalho em projectos que entendem que a memória não é passado, é futuro. No Trilhas de Memórias, um projecto do qual faço parte, financiado pelo Instituto Camões através do PROCERIS (Programa Cultura e Empreendedorismo com Responsabilidade e Inclusão Social), executado pela Okuya em parceria com o BISO e o Curadorias, compreendo isso todos os dias. Ali recolhemos vozes, recuperamos narrativas orais, devolvemos ritmo às palavras que antes só viviam na lembrança dos avós, das tias e das comunidades que têm carregado Angola às costas. Esse caminho que percorremos, feito de escuta e de cuidado, transforma histórias em novas rotas

e devolve o poder da palavra, porque, afinal, pensar o futuro é convocar o passado sem o domesticar.

O caminho novo não nega os djidius, reclama-os. Assume que cada passo que damos hoje só existe porque alguém, muito antes, caminhou o impossível. Por isso digo que saber andar é também saber lembrar.

E esse país que carregamos no peito, tantas vezes ferido, insiste em nos ensinar que todos os caminhos vão dar à memória. Mesmo quando acreditamos estar a avançar, estamos sempre a pisar pegadas antigas. O destino nunca é realmente novo, é sempre revisitação, consciente ou não. Não há avanço sem ruína, não há construção sem vestígio.

Para discutir identidade, ancestralidade, angolanidade, e qualquer outra forma de memória, precisamos de virar o corpo para trás, não para viver no passado, mas para iluminar. Recuperar a memória não é nostalgia. É memória. É uma. É esse

CONEXÃO

Não se caça no deserto



Samantha Buglione*

Descobri que os povos que habitam o Parque do Iona, no deserto do Namibe, não caçam. Criam gado. Mas o que mais me chamou atenção não foi a técnica e, sim, a filosofia escondida na prática dos Himbas e dos Muçawana. Dizem: "se tens de ir caçar é porque te falta o que cuidar em casa". Uma frase simples que carrega um mundo inteiro de percepções. Uma cultura que ensina, uma arte que convoca.

Do outro lado do Atlântico, no Brasil, a COP30 (30ª Conferência das Partes da Convenção da ONU sobre Mudança do Clima) se desenrola. Ali, a conversa é pesada. Não só pelo tema, mas pelo desequilíbrio das vozes na mesa. De um lado, os gigantes poluentes: China (30,1%), Estados Unidos (11,3%), Índia (7,8%), União Europeia (6,1%) e Rússia (5,0%). Juntos, mais de 60% das emissões globais, segundo EDGAR/UNEP (2023). O Brasil, país anfitrião, está em sexto lugar no ranking com quase 3% das emissões mundiais de GEE, segundo Statista (2023), com gran-



de memória. Há outras formas de existir. Há outras maneiras de medir grandeza. Manter apenas a narrativa que destrói nossa casa é continuar alimentar a colonização. É negar o que os Himbas e os Muçawana

breza ou renunciar a conforto. Trata-se de entender que qualidade de vida não precisa ser predatória, nem servir a discursos colonizadores, travestidos de arautos de um progresso autotóxico.

O tempo não corre, pastoreia



Samantha Buglione*

É muito comum as pessoas me perguntarem o porquê de Angola na minha vida. Afinal, não sou angolana, não sou negra nem tenho família por lá. É difícil explicar algo que é invisível, mas me constitui em silêncio, como os ritmos das músicas de criança que ouvia. Às vezes, os nomes dados às coisas são apenas explicações possíveis e limitadas de um momento. O tempo ajuda-nos a ver a cena toda. Esse tempo em ciclos, esse tempo que nos atravessa.

do risco. Nem sempre repetir padrões é honrar os antepassados. Às vezes, o que chamamos de desobediência em um jovem é justamente a forma mais fiel de impedir que a tradição se perca. Porque juventude não é número, é um modo de existir que atravessa muitas idades.

Talvez seja por isso que essa história familiar tão íntima e, à primeira vista, distante de Angola, me permita mais facilmente pensar o Natal e o Ano Novo. Porque falar de amor, risco e linhagem é também falar de tempo. É falar de um okuruwo invisível, um fogo sagrado Herero que nos conecta, muitas vezes, sem a lógica dos relógios. Pelo que ouvi pelo interior de Angola, diz-se que estamos aqui para aquecer o sol, porque, entre os Ovimbundu, quando uma criança nasce, um fogo invisível é aceso pelos ancestrais, ligando o recém-nascido à linhagem e à terra.

Por isso, o fim do ano é agrícola, um ciclo, um momento de passagem no qual os ancestrais, ovakulu, se aproximam dos

13FEVEREIRO,
2026



Trilhas de
Memórias

A rota que se faz com histórias.

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

 GOVERNO DE
ANGOLA
mintur.gov.ao
Ministério do Turismo

 **kuya**
Adventures



curadorias.

Forbes AFRICA

PUCRS



 **POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

 **GRUPO ND**
TV | JORNAL | REVISTA | INTERNET

TRILHAS

www.trilhasdememorias.com

trilhasdememorias@gmail.com

+244 921 337 352